

Turismo e o dinamismo económico regional: evidência da região do Algarve

JORGE M. ANDRAZ * [jandraz@ualg.pt]

JOÃO ALBINO SILVA ** [jsilva@ualg.pt]

CARLOS MANUEL VIEGAS *** [carlosgviegas@iol.pt]

Resumo | Este trabalho analisa a evolução da estrutura económica da região do Algarve e o posicionamento da atividade turística entre 1995 e 2003 através da aplicação da análise *Shift-share* aos níveis inter-regional e intrarregional, tendo como objetivo central averiguar se o crescimento da região tem sido beneficiado pela sua estrutura produtiva. Os resultados sugerem que, no contexto nacional, o Algarve tem tirado dividendos positivos da sua estrutura económica, quer pela especialização nos ramos mais dinâmicos da economia nacional, quer pela existência de importantes vantagens comparativas relativamente às restantes regiões nos seus pólos de especialização nos quais se encontram os setores ligados direta e indiretamente à atividade turística. Contudo, ao nível da região são identificadas disparidades regionais motivadas por diferentes níveis de crescimento dos concelhos, tendo-se concluído que os ramos diretamente ligados ao turismo têm-se apresentado como ameaças devido ao seu fraco dinamismo de crescimento.

Palavras-chave | Turismo, Emprego, Algarve, Análise *Shift-share*.

Abstract | This paper analyses the evolution of the economic structure and the tourist activity in the Algarve between 1995 and 2003 by applying the shift-share analysis among all regions of the country and within the region of Algarve. The central objective is to conclude whether the regional growth has been benefited by the region's productive structure. The results suggest that the Algarve has captured positive dividends from its productive structure due to its specialization in the most dynamic sectors of the country and by getting important comparative advantages relatively to other regions in the sectors directly and indirectly connected to tourism activity. However, the within region analysis suggests the existence of regional disparities motivated by different growth levels since the sectors directly connected to tourism have behaved as threats to growth due to their low dynamism levels.

Keywords | Tourism, Employment, Algarve, Shift-share.

* **Doutor em Economia** pela Universidade do Algarve, **Professor Auxiliar com Agregação** da Faculdade de Economia da Universidade do Algarve e **Investigador** do CEFAGE – Centro de Estudos e Formação Avançada em Economia e Gestão, Universidade de Évora.

** **Doutor em Economia** pela Universidade Técnica de Lisboa, **Professor Catedrático** da Faculdade de Economia da Universidade do Algarve.

*** **Mestre em Gestão e Desenvolvimento em Turismo**, Universidade do Algarve.

1. Introdução

No Algarve, tem-se assistido desde os anos 60, principalmente a partir de 1965 com a construção do aeroporto de Faro, a um crescimento continuado da atividade turística. Tal situação levou a região a afirmar-se como o principal destino turístico português, assentando a sua procura essencialmente no segmento do produto "sol e praia". Esta região é responsável por 38% da oferta turística, em termos de números de camas e por uma procura turística que absorve 22% das dormidas nos estabelecimentos hoteleiros em Portugal (INE, 2004). Em termos económicos, o turismo representa para a região, direta e indiretamente, cerca de 66% do PIB regional e a ocupação de aproximadamente 60% da população ativa (World Travel and Tourism Council, 2003). Verifica-se que mais de 50% do valor acrescentado na região foi gerado por quatro ramos, nomeadamente, os ramos do Comércio e Outros com 17,3%, do Alojamento e Restauração com 15,4%, do Imobiliário e Alugueres com 12,8% e dos Transportes e Comunicações com 8,1%. Estes ramos configuram, portanto, o núcleo dos principais criadores de riqueza na região, e possuem coeficientes de intensidade das exportações relativamente elevados.

A atividade turística apresenta também fortes ligações a outros ramos de atividade cuja identificação decorre da possibilidade de se distinguir entre consumo privado de residentes do que é feito por não residentes. A análise da matriz de entradas e saídas de 1994 (CIDER e CCDR Algarve, 2001) permite concluir que a riqueza gerada pela região concentra-se num pequeno número de ramos sendo os principais o Comércio, o Alojamento e Restauração, o Imobiliário e Alugueres e os Transportes e Comunicações e a maior fatia dos recursos gerados pela região destinou-se ao consumo privado, onde os não residentes têm um forte peso. A procura dos não residentes é satisfeita em 61% pelo ramo do Alojamento e Restauração e em 20% pelas Indústrias Transformadoras, o que os torna nos ramos mais diretamente ligados às atividades turísticas

na região. Os seus principais fornecedores são, para além da própria Indústria Transformadora e Alojamento e Restauração, o Imobiliário e Alugueres, a Eletricidade, Gás e Água, a Agricultura, as Atividades Financeiras, os Transportes e Comunicações, os Outros Serviços, o Comércio e Outros, e a Pesca, ou seja, são os ramos indiretamente mais ligados ao turismo na região, o que demonstra a transversalidade das atividades turísticas.

No contexto desta estrutura económica, o Algarve tem registado, em termos agregados, taxas de crescimento bastante elevadas, face à média nacional. Contudo, esta situação levanta uma questão fundamental sobre a sustentabilidade deste crescimento a prazo, o que tem implicações diretas sobre as políticas de coesão nacional, em geral, e a questão das assimetrias regionais, em particular. Nesse sentido, o forte crescimento económico registado na região pode ter sido motivado por fatores conjunturais que beneficiaram a região, situação que não constitui um garante de crescimento continuado a prazo. Esta questão é tanto mais sensível quanto é certo que a questão das assimetrias regionais se encontra no centro das preocupações das autoridades regionais e nacionais.

Pelo contrário, as razões do crescimento podem estar diretamente ligadas às especificidades da estrutura produtiva regional e dos setores de especialização da região ao se caracterizarem por um forte dinamismo, conferindo à região importantes vantagens comparativas.

O facto de não ser do nosso conhecimento a existência de estudos sobre esta problemática focalizando a região do Algarve¹, abre uma janela de oportunidade para o presente trabalho de investigação que tem como objetivo analisar a natureza do crescimento económico registado na região, nomeadamente saber se o crescimento da

¹ Os estudos conhecidos são relativamente antigos e apresentam-se com outros objetivos (veja-se, por exemplo, Ribeiro, 1985; Ferrão e Jensen-Buttler, 1986; Carvalho, 1992; Cabral e Sousa, 2001; e Silva e Andraz, 2004).

região no período 1995-2003 foi beneficiado pela sua estrutura produtiva por ter sido feita uma aposta forte na especialização de setores dinâmicos.

Metodologicamente falando, adota-se a análise *shift-share* que é um método de análise diferencial e estrutural que procura descrever o crescimento económico de uma região em termos da sua estrutura produtiva, e utiliza-se o emprego como variável de estudo. A vantagem de uma clara e fácil análise da relação entre o crescimento económico e a estrutura produtiva de uma região ou país, o facto de a variação das componentes da análise corresponder ao somatório da variação de variáveis económicas como o emprego (ou o VAB), e por último a possibilidade de comparar o crescimento regional com o nacional e com o próprio crescimento no passado, são fatores que contribuem para uma utilização ampla desta metodologia nas análises económicas de cariz regional. Trata-se assim de um instrumento que proporciona uma avaliação abrangente das ligações entre o *mix* sectorial de uma variável, uma região e as diferenças ao nível nacional (Ray e Harvey, 1995).

A análise *shift-share* tem sido usada como instrumento de previsão dos efeitos regionais das tendências de crescimento nacionais e de descrição das alterações económicas (Knudsen, 2000). São vários os artigos onde esta metodologia é adotada. Entre eles, mencionam-se os estudos de Ray e Harvey (1995), onde se analisa os efeitos de alterações do emprego num conjunto de países da União Europeia; Valleta (1997) analisa os efeitos da deslocação do emprego na estrutura salarial da economia norte americana; Fotopoulos (2007), Davis e Haltiwanger (1992), Davis, *et al.* (1996), e Dunne *et al.* (1989) analisam os efeitos da demografia empresarial no crescimento regional do emprego e do produto; e Hanham e Banasick (2000) analisam o papel da estrutura espacial nas alterações no emprego na indústria transformadora no Japão. Salientam-se

ainda os trabalhos de Haynes e Dinc (1997) e Rigby e Anderson (1993) que analisam os efeitos ao nível da produtividade e do emprego na indústria transformadora. Com o enfoque direto na temática do turismo, encontram-se entre outros, os trabalhos de Shi *et al.* (2007), Yasin *et al.* (2004), Toh *et al.* (2004), Sirakaya *et al.* (1995, 2002).

O artigo encontra-se estruturado da seguinte forma: a secção 2 descreve a metodologia adotada; a secção 3 apresenta os dados utilizados; a secção 4 apresenta os resultados empíricos e, finalmente, a secção 5 apresenta as principais conclusões.

2. Enquadramento conceptual

A análise *shift-share* considera que a taxa de crescimento regional, observada entre dois períodos de tempo, pode ser decomposta em três parcelas, correspondentes à variação nacional da variável² analisada, à variação resultante de efeitos estruturais e à variação resultante de outros fatores. Em termos analíticos podemos então escrever a seguinte expressão:

$$\begin{aligned} \text{Variação regional} &= \text{Variação nacional} + \\ &(\delta_R) \qquad \qquad \qquad (\delta_N) \\ &+ \text{Variação resultante} + \text{Variação resultante} \quad (1). \\ &\text{de efeitos estruturais} \quad \text{de outros fatores} \\ &(\delta_E) \qquad \qquad \qquad (\delta_S) \end{aligned}$$

A variação nacional (δ_N) corresponde ao acréscimo que teria ocorrido se houvesse uma variação na região idêntica à variação média nacional. Ou seja,

$$\delta_N = \sum_i E_i^t r_{tn} \quad (2),$$

onde E_i^t representa o valor da variável no ramo i no período inicial e r_{tn} representa a taxa nacional de crescimento da variável a nível nacional, dada por, $r_{tn} = (N^{t+n}/N^t) - 1$.

² Geralmente é considerada como variável em análise o VAB ou o emprego.

A variação devido a fatores estruturais (δ_E), representa a diferença entre o crescimento no ramo i a nível nacional e o crescimento médio no país e obtém-se a partir de

$$\delta_E = \sum_i E_i^t (r_{in} - r_{tn}), \quad (3)$$

onde, r_{in} corresponde à taxa de crescimento total no ramo i , ou seja,

$$r_{in} = \frac{N_i^{t+n}}{N_i^t} - 1 \quad (4).$$

A componente estrutural positiva sugere que a região tem uma estrutura produtiva favorável, o que significa que predominam atividades mais dinâmicas do que a média nacional, e ainda que a região é especializada nas atividades que mais crescem, o que lhe confere fortes potencialidades de crescimento. A situação contrária, uma componente estrutural negativa, significa que a região tem uma estrutura produtiva desfavorável, na qual predominam ramos que estão em declínio ou estagnaram a nível nacional, conferindo assim fracas potencialidades de crescimento à região.

Finalmente, o crescimento ao nível regional é também afetado por outros fatores que integram a parte residual (δ_S), a qual constitui a parte da variação não explicada pelo modelo. É suscetível de uma variedade de interpretações, entre as quais a capacidade da região em captar vantagens ou desvantagens relativas em termos da capacidade empresarial, qualificação dos recursos humanos, eficiência das instituições, rede de transportes, o nível de consumo e de poupança, o valor dos salários, entre outros, e é expressa através da seguinte fórmula:

$$\delta_S = \sum_i E_i^t (r_{in} - r_{tn}), \quad (5)$$

onde, r_{in} corresponde à taxa de crescimento no ramo i na região r , dada pela expressão

$$r_{in} = \frac{N_i^{t+n}}{N_i^t} - 1 \quad (6).$$

Um valor positivo da componente residual é sintomático que a região possui vantagens comparativas, que justificam a existência de taxas de crescimento regionais mais elevadas do que as observadas ao nível nacional. Este facto pode significar três situações distintas segundo Ledebur e Moomaw (1983): primeira, o crescimento da produtividade do ramo na região foi superior ao seu crescimento ao nível nacional; segunda, o emprego na região distribui-se mais rapidamente pelos ramos de elevada produtividade do que no espaço padrão; terceira, a existência de uma interação na região entre as taxas de emprego e de produtividade superior à que se regista ao nível nacional. Nos casos em que a componente residual é negativa, o crescimento na região foi inferior ao verificado a nível nacional, ou seja, o crescimento regional foi travado.

A diferença entre a taxa de crescimento regional e nacional é designada por Variação Líquida Total (VLT) que procura explicar se a região cresceu acima ou abaixo da média nacional, e se essas diferenças se devem mais a efeitos estruturais ou residuais. Matematicamente,

$$\delta_R - \delta_N = \delta_E + \delta_S$$

ou

$$VLT = \delta_E + \delta_S \quad (7).$$

Quando a componente regional é maior do que a componente nacional ($\delta_R > \delta_N$), a região terá melhorado a sua posição face ao conjunto das regiões, apresentando uma taxa de crescimento rápida. Por outro lado, uma componente regional menor do que a componente nacional ($\delta_R < \delta_N$) significa que a região apresenta uma taxa de crescimento lenta e inferior ao espaço nacional.

De acordo com a classificação de Boudeville (1966), as regiões podem ser grupadas em seis categorias de acordo com os sinais (positivo ou negativo) das componentes estrutural e residual. Essa classificação é sintetizada no Quadro 1.

Quadro 1 | Classificação das regiões de Boudeville

Quadrante	Varição Líquida Total	Componente Estrutural	Componente Residual	Caraterísticas
1	$\delta_R - \delta_N > 0$	$\delta_E > 0$	$\delta_S > 0$	Crescimento rápido, com fortes potencialidades e estimulado.
$\delta_S < 0$			Crescimento rápido, com fortes potencialidades mas travado.	
3		$\delta_E < 0$	$\delta_S > 0$	Crescimento rápido, com fracas potencialidades mas estimulado.
4	$\delta_R - \delta_N < 0$	$\delta_E > 0$	$\delta_S < 0$	Crescimento lento, com fortes potencialidades mas travado.
5			$\delta_S > 0$	Crescimento lento, com fracas potencialidades embora estimulado.
6		$\delta_E < 0$	$\delta_S < 0$	Crescimento lento, com fracas potencialidades e travado.

Fonte: Elaboração própria com base em Haddad (1989).

Uma das reformulações da análise *shift-share* é apresentada por Estaban-Marquillas (1972) que introduz uma medida para verificar o grau de especialização da região nos ramos em que possui vantagens comparativas. Para tal introduz um novo elemento, a variável homotética E_i^{rt} , que representa o valor da variável em análise que o ramo i teria se a região r tivesse uma estrutura económica idêntica à do espaço de referência no período inicial, e é calculado da seguinte forma:

$$E_i^{rt} = \sum_i E_i^0 \left(\frac{N_i^t}{\sum_i N_i^t} \right) \quad (8).$$

Este novo elemento vai permitir explicar o crescimento regional através de quatro componentes: a componente nacional, a componente estrutural, a componente residual expurgada da influência estrutural ou posição competitiva pura, e a componente alocativa que é composta por uma medida de especialização regional do ramo i , e

$(E_i^t - E_i^{rt})$ pela diferença entre a taxa de crescimento do ramo i a nível nacional e regional ($r_{ir} - r_{tn}$). Matematicamente:

$$\delta_A = (E_i^t - E_i^{rt})(r_{ir} - r_{tn}) \quad (9).$$

O Quadro 2 resume os valores que a componente alocativa pode assumir. O ramo i apresenta especialização sempre que o emprego efetivo for superior ao emprego esperado ($E_i^t > E_i^{rt}$), e apresenta uma vantagem competitiva quando o crescimento no ramo i na região for superior ao crescimento no espaço de referência ($r_{ir} > r_{tn}$). A situação mais favorável é o caso 1, ou seja, a região é especializada no ramo i e o ramo tem um crescimento na região superior ao espaço de referência, no entanto, uma componente alocativa positiva também pode significar que a região não é especializada no ramo i e o ritmo de crescimento do ramo na região é inferior a média nacional (caso 2). Quando a componente alocativa assume valores negativos duas situações podem acontecer: o ramo i não é especializado na região

Quadro 2 | Classificação da componente alocativa da região em relação ao espaço de referência

Possibilidades para a componente alocativa	Componente alocativa (δ_A)	Especialização ($E_i^t - E_i^{rt}$)	Vantagem competitiva ($r_{ir} - r_{tn}$)
1. Vantagem competitiva especializada	+	+	+
2. Desvantagem competitiva não especializada	+	-	-
3. Vantagem competitiva não especializada	-	-	+
4. Desvantagem competitiva especializada	-	+	-
5. Vantagem/Desvantagem competitiva com a mesma estrutura nacional	0	0	+/-
6. Neutralidade competitiva especializada/não especializada	0	+/-	0
7. Neutralidade competitiva com a mesma estrutura nacional	0	0	0

Fonte: Herzog e Olsen (1977).

mas cresce mais do que a média nacional (*caso 3*) ou o ramo i apresenta especialização na região mas cresce menos do que a média nacional (*caso 4*). Por último, sempre que a componente alocativa apresenta valores nulos, deve-se ao facto de o ramo i ter igual peso na região e no espaço de referência (*caso 5*), ou crescer no mesmo ritmo que a média nacional (*caso 6*), ou ambas as situações (*caso 7*).

A equação modificada da análise *shift-share* de Estaban-Marquillas passa a ser a seguinte para um dado ramo i e região r :

$$E^{t+n} - E^t = E_i^t r_{tn} + E_i^t (r_{in} - r_{tn}) + E_i^{rt} (r_{ir} - r_{tn}) + (E_i^t - E_i^{rt}) (r_{ir} - r_{tn}) \quad (10).$$

3. Dados: descrição, fontes e análise preliminar

São utilizados os dados anuais do emprego no período 1995-2003, por NUTS II³, que têm por base as contas regionais publicadas pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), que utilizam a classificação A17⁴ e dados dos concelhos da região do Algarve, que têm como fonte os censos de 2001⁵.

O Quadro 3 revela que a região de Lisboa e Vale do Tejo surge na primeira posição com 35,8% do emprego nacional, seguida muito perto pela região Norte, com 34,4%. Relativamente distanciadas surgem a região Centro, com 16,7%, o Alentejo, com 4,5%, o Algarve, com 3,6%, a Madeira, com 2,5% e os Açores, com 2,2%.

Por sua vez, a análise da distribuição sectorial do emprego por regiões, apresentada no Quadro 4, revela um peso elevado da Agricultura (A) na estrutura económica do Alentejo, do Centro e das ilhas. Nas regiões Norte e Centro, a Indústria Transformadora (D) é o ramo com maior peso na economia das respetivas regiões e o Comércio e Outros (G) assume-se como o maior empregador nas regiões do Algarve e de Lisboa e Vale do Tejo. O ramo

³ A utilização de um maior nível de desagregação, por NUTS III, debater-se-ia com problemas de inexistência de dados estatísticos.

⁴ A escolha do período de análise entre 1995 e 2003 deveu-se ao facto de não ter sido possível usar uma base de dados maior porque a base utilizada entre 1988 e 1994, a NCN86 (nomenclatura dos ramos de atividade das contas nacionais portuguesas que representa a divisão da economia em 49 ramos de atividade segundo a base 86), não tem uma correspondência biunívoca com a classificação A17.

⁵ Os Censos 2001 são a fonte de informação mais atualizada ao nível dos concelhos, uma vez que ainda não estão disponíveis os dados relativos ao Censos 2011.

Quadro 3 | Frequências relativas da distribuição espacial do emprego por ramos de atividade no período 1995-2003

Ramos	Regiões						
	Norte	Centro	L.V. Tejo	Alentejo	Algarve	Açores	Madeira
A	34,6	26,1	15,5	8,2	6,2	5,6	3,7
B	23,2	10,5	18,2	5,7	24,1	14,1	4,3
C	29,0	14,8	25,1	24,0	3,4	2,0	1,7
D	49,2	18,0	26,0	2,7	1,2	1,2	1,6
E	27,2	14,7	42,9	4,1	3,2	4,2	3,6
F	37,3	16,0	33,1	3,8	4,1	2,1	3,5
G	32,5	15,6	38,5	4,4	5,2	1,8	2,2
H	24,5	12,6	44,8	4,6	8,5	1,3	3,6
I	24,9	13,0	49,3	3,6	4,2	2,5	2,7
J	22,4	8,8	60,7	2,7	2,6	1,6	1,2
K	23,2	9,3	57,8	2,5	3,6	1,3	2,0
L	22,0	13,4	45,7	6,2	3,4	3,4	3,5
M	32,1	18,4	36,9	5,1	3,8	2,0	1,7
N	28,7	17,6	40,4	5,1	3,4	2,5	2,3
O	24,3	12,3	49,8	4,1	4,2	2,4	2,9
P	33,6	19,5	33,7	5,7	2,6	2,7	2,2
% do emprego regional	34,4	16,7	35,8	4,5	3,6	2,2	2,5

Unidade: Valores percentuais médios.

Fonte: Elaboração própria com base nas contas regionais.

Ramos: Agricultura (A); Pesca (B); Indústrias Extrativas (E); Indústrias Transformadoras (D); Electricidade, Gás e Água (E); Construção (F); Comércio e Outros (G); Alojamento e Restauração (H); Transportes e Comunicações (I); Atividades Financeiras (J); Imobiliário e Alugueres (K); Administração Pública, Defesa e Segurança Social (L); Educação (M); Saúde e Ação Social (N); Outros Serviços (O); Famílias com Empregados Domésticos (P).

do Alojamento e Restauração (H) tem maior peso nas economias do Algarve e da Madeira.

A centralidade económica da região do Algarve no turismo é uma ideia comumente aceite. O recurso “sol e praia” é o seu principal elemento de atração, embora outros produtos turísticos tenham contribuído para a diversificação da oferta turística algarvia, nomeadamente, o golfe, o desporto aventura, o turismo de negócios e o turismo de natureza, este particularmente associado ao interior da região. Tal contexto económico explica o peso de ramos como o Comércio e Outros (G), a Construção (F), o Alojamento e Restauração (H) e mesmo a Agricultura (A) na estrutura do emprego na região, já que se tratam de ramos que estão diretamente e indiretamente ligados às atividades turísticas na região ou tendem a desenvolver-se à volta do ramo mais diretamente ligado ao turismo como é o caso do ramo da Construção (F). O ramo das Pescas (B), embora não tenha a importância de outrora, continua a ser uma fonte para algumas comunidades locais.

A comparação com outras regiões torna ainda mais evidente a importância relativa que aqueles ramos assumem na região, já que ocupam cerca de 58,4% do emprego na região do Algarve, sendo o valor mais elevado do que nas restantes regiões. Aqueles ramos ocupam 38,4% do emprego no

Norte, 43,5% no Centro, 34,4% em Lisboa e Vale do Tejo, 26,9% no Alentejo, 45,1% nos Açores e 47,5% na Madeira. Verificamos assim que estes ramos provocam uma diferenciação da região algarvia, relativamente ao conjunto do país.

As regiões do Norte, Centro e Lisboa e Vale do Tejo caracterizam-se por uma atividade assente nas Indústrias Transformadoras (D) e no Comércio e Outros (G) que no conjunto ocupam 41,1%, 33,5% e 27,4%, respetivamente. As regiões do Alentejo, Açores e Madeira assumem uma expressão significativa no ramo Agrícola (A), ao ocupar 18,1%, 19,9% e 13,8% da força de trabalho respetivamente.

4. Dinamismo Económico Regional

4.1. Análise inter-regional

Os valores relativos à decomposição da variação do emprego no período considerado encontram-se no Quadro 5. Verifica-se que das sete regiões estudadas, quatro apresentaram um crescimento superior ao nacional, o qual ascendeu a 12%. Em particular, o emprego registou um crescimento de 18,2% no Algarve, 14,7% em Lisboa e Vale

Quadro 4 | Frequências relativas da distribuição sectorial do emprego por regiões no período 1995-2003

Ramos	Regiões						
	Norte	Centro	L.V. Tejo	Alentejo	Algarve	Açores	Madeira
A	10,8	17,1	4,4	20,1	10,5	21,7	15,2
B	0,3	0,3	0,2	0,3	3,2	3,0	0,8
C	0,2	0,3	0,2	1,9	0,3	0,3	0,2
D	30,6	22,4	13,8	11,4	5,7	9,1	11,5
E	0,5	0,6	0,8	0,6	0,6	1,2	0,9
F	10,4	9,1	8,7	8,0	10,5	9,2	14,1
G	14,6	14,4	15,9	14,5	19,7	12,4	12,2
H	3,4	3,6	5,9	5,0	12,0	2,5	7,2
I	2,4	2,6	4,4	2,6	3,9	3,7	3,7
J	1,5	1,2	4,0	1,4	1,6	1,8	1,1
K	4,4	3,5	10,7	2,9	6,5	3,1	4,9
L	4,9	6,2	10,4	11,1	7,3	12,8	12,0
M	5,9	6,9	6,4	7,0	6,7	5,4	4,2
N	4,5	5,8	5,8	6,1	4,8	6,1	4,8
O	2,6	2,6	5,6	3,3	4,6	4,0	4,6
P	2,8	3,4	2,7	3,7	2,0	3,5	2,6

Unidade: Valores percentuais médios.

Fonte: Elaboração própria com base nas contas regionais.

Ramos: ver nota no Quadro 3.

Quadro 5 | Decomposição do crescimento regional, no período 1995-2003, em componentes de variação

Regiões	Emprego (1995)	Emprego (2003)	Variação regional (δ_R) (1)		Componente nacional (δ_N) (2)		Variação líquida total (VLT) (3)=(1)-(2)		Componente estrutural (δ_E) (4)		Componente residual (δ_S) (5)	
			Valor	%	Valor	%	Valor	%	Valor	%	Valor	%
Norte	1.563.100	1.685.200	122.088	7,8	187.265	12,0	-65.177	-4,2	-32.918	-2,1	-32.258	-2,1
Centro	752.000	840.400	88.188	11,7	90.092	12,0	-1.904	-0,3	-17.523	-2,3	15.619	2,1
L.V. Tejo	1.585.900	1.818.900	232.788	14,7	189.996	12,0	42.792	2,7	42.317	2,7	475	0,0
Alentejo	202.000	229.700	27.264	13,5	24.200	12,0	3.064	1,5	-3.168	-1,6	6.232	3,1
Algarve	159.800	188.900	29.100	18,2	19.145	12,0	9.955	6,2	3.545	2,2	6.411	4,0
Açores	98.800	116.400	17.600	17,8	11.837	12,0	5.763	5,8	-2.778	-2,8	8.542	8,6
Madeira	112.400	120.400	7.988	7,1	13.466	12,0	-5.478	-4,9	-439	-0,4	-5.039	-4,5

Unidade: Número de pessoas.

Fonte: Elaboração própria com base nas contas regionais.

do Tejo, 17,8% nos Açores e 13,5% no Alentejo. Consequentemente, a variação líquida total para estas regiões foi positiva, de 6,2%, 2,7%, 5,8% e 1,5%, respetivamente. Todas as restantes regiões registaram um crescimento do emprego inferior ao registado ao nível nacional.

O cálculo das componentes de variação, nomeadamente das componentes estrutural e residual, encontra-se igualmente no Quadro 5 e é objeto de representação na Figura 1. A análise permite concluir que as regiões do Algarve e de Lisboa e Vale do Tejo apresentam uma situação favorável em termos estruturais, o que traduz uma especialização nos ramos mais dinâmicos da economia nacional, isto é nos ramos que têm apresentado um crescimento no país acima do crescimento médio.

Por outro lado, a região do Algarve também apresentou uma situação confortável na componente residual, o que revela a existência de importantes vantagens comparativas na região. Concretamente, no período analisado, a região registou um aumento de 29.100 empregos, devendo-se 19.145 à componente nacional, 3.545 à componente estrutural e 6.411 à componente residual. Ou seja, a componente residual teve um papel preponderante no crescimento do emprego na região.

Pelo contrário, as restantes regiões apresentam, em ambos os períodos, uma estrutura económica desfavorável e uma evolução do emprego que obedeceu a diferentes padrões. Com efeito, verifica-se que as regiões Norte e da Madeira apresentam ritmos de crescimentos inferiores à média nacional e fatores de bloqueio regionais. As regiões Centro, Alentejo e Açores apresentam-se com perfis de especialização desfavoráveis, traduzidos numa componente estrutural negativa, mas com importantes fatores de competitividade regional.

4.2. Análise intrarregional

Os valores relativos à decomposição do crescimento da região algarvia são apresentados no Quadro 6. Dos 16 ramos em que se decompõe a economia, 8 registaram um crescimento do emprego na região superior à média nacional, nomeadamente

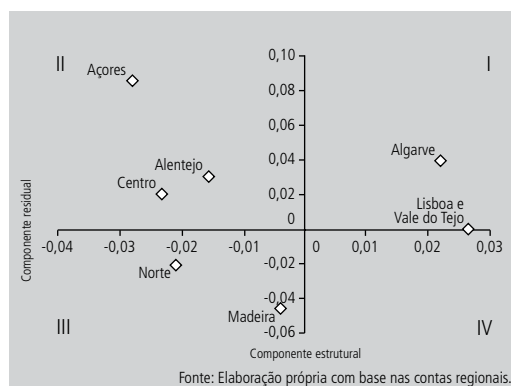


Figura 1 | Decomposição do crescimento regional no período 1995-2003.

Quadro 6 | Decomposição do crescimento do Algarve no período 1995-2003

Ramos	Variação regional (δ_R) (1)	Componente nacional (δ_N) (2)	Variação líquida total (VLT) (3)=(1)-(2)	Componente estrutural (δ_E) (4)	Componente residual (δ_S) (5)
A	-22,4	-8,8	-13,6	-20,8	7,2
B	-53,2	-21,2	-32,0	-33,2	1,2
C	-23,8	4,8	-28,6	-7,2	-21,5
D	-12,6	0,4	-13,0	-11,6	-1,4
E	-22,6	-0,6	-22,0	-12,6	-9,4
F	114,6	22,6	92,0	10,6	81,4
G	3,7	17,4	-13,7	5,4	-19,1
H	49,8	30,6	19,2	18,6	0,6
I	17,9	4,5	13,4	-7,5	20,9
J	-37,5	-11,8	-25,8	-23,7	-2,0
K	44,3	34,9	9,4	23,0	-13,6
L	20,6	10,2	10,3	-1,8	12,1
M	23,0	19,9	3,1	7,9	-4,8
N	60,4	29,4	31,1	17,4	13,7
O	42,7	22,3	20,4	10,3	10,1
P	18,9	25,2	-6,3	13,2	-19,4

Unidade: Valores percentuais.

Fonte: Elaboração própria com base nas contas regionais.

Ramos: ver nota no Quadro 3.

a Construção (F), com 114,6%, o Alojamento e Restauração (H), com 49,8%, os Transportes e Comunicações (I), com 17,9%, o Imobiliário e Alugueres (K), com 44,3%, a Administração Pública, Defesa e Segurança Social (L), com 20,6%, a Educação (M), com 23%, a Saúde e Ação Social (N), com 60,4%, e os Outros Serviços (O), com 42,7%. Consequentemente, a variação líquida total destes ramos na região foi positiva. Os restantes ramos registaram na região um crescimento do emprego inferior, ou um decréscimo do emprego superior, ao registado ao nível nacional.

Para conhecer os ramos que contribuíram para o comportamento positivo da região algarvia passe-se à análise da Figura 2 que constitui a base da análise da decomposição do crescimento regional por ramos de atividade. Verifica-se que os ramos responsáveis pelo efeito de “alavancagem” da região do Algarve foram os ramos da Construção (F), do Alojamento e Restauração (H), da Saúde e Ação Social (N) e dos Outros Serviços (O). Estes foram os ramos que se encontraram entre os mais dinâmicos ao nível nacional e que simultaneamente beneficiaram de vantagens comparativas regionais que lhes permitiram aceder a um crescimento na região muito superior ao crescimento que tiveram

no país. Por outro lado, outros ramos igualmente dinâmicos ao nível nacional, como sejam os ramos do Comércio e Outros (G), do Imobiliário e Alugueres (K), da Educação (M) e das Famílias com Empregados Domésticos (P) registaram um crescimento regional inferior ao crescimento que alcançaram no país.

A região conta igualmente com ramos pouco dinâmicos ao nível nacional, mas que registaram um crescimento regional relevante, como sejam os ramos da Agricultura (A), da Pesca (B), dos Transportes e Comunicações (I) e da Administração Pública, Defesa e Segurança Social (L). Finalmente, os ramos das Indús-

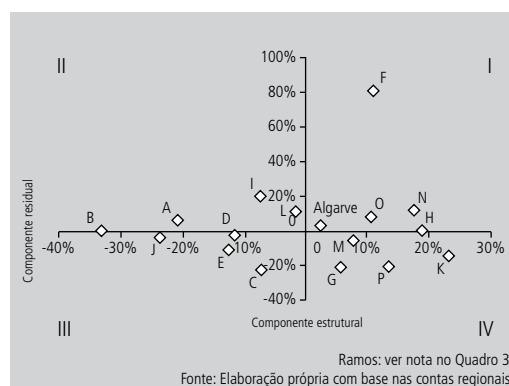


Figura 2 | Decomposição do crescimento do Algarve no período 1995-2003.

trias Extrativas (C), das Indústrias Transformadoras (D), da Eletricidade, Gás e Água (E) e das Atividade Financeiras (J) revelaram pouco dinamismo quer ao nível nacional, quer ao nível regional.

A interpretação do crescimento económico da região, segundo Boudeville (1966), classifica os quatro ramos respeitantes ao primeiro quadrante como ramos com um crescimento rápido, com fortes potencialidades e estimulado; os quatro ramos do segundo quadrante classificam-se como ramos com um crescimento rápido, estimulado, mas com fracas potencialidades. Por sua vez, os quatro ramos que fazem parte do quarto quadrante, apresentam um crescimento lento, embora com fortes potencialidades mas travado. Por último, o terceiro quadrante representa os quatro ramos que se classificam com um crescimento lento, com fracas potencialidades e travado.

Recorrendo ao aperfeiçoamento do método, apresentado por Estaban-Marquillas (1972), torna-se possível verificar se a região está especializada nos ramos para os quais dispõe de melhores vantagens competitivas. O Quadro 7 sintetiza a aplicação do método à região do Algarve, e demonstra que, de entre os ramos em que a região é especializada, cinco ramos apresentam vantagens competitivas. Esses ramos são a Agricultura (A), a Pesca (B), o Alojamento e Restauração (H), os Transportes e Comu-

nicacões (I) e os Outros Serviços (O). Ou seja, com a exceção do Comércio e Outros (G), os principais pólos de especialização da região, são ramos onde a região possui vantagens competitivas. Por sua vez, os ramos da Construção (F)⁶, da Administração Pública, Defesa e Segurança Social (L) e da Saúde e Ação Social (N) são ramos onde a componente alocativa negativa resulta de vantagens competitivas não acompanhadas por uma especialização. Os restantes são ramos onde a região possui desvantagens competitivas face às outras regiões embora apresente especialização nos ramos das Indústrias Extrativas (C), do Comércio e Outros (G), dos Imobiliários e Alugueres (K) e da Educação (M).

Em suma, o Algarve, a par de Lisboa e Vale do Tejo, é uma região beneficiada pela sua estrutura produtiva e apresenta no período estudado uma taxa de crescimento do emprego positiva, o que revela que a região possui importantes vantagens internas comparativamente às restantes regiões, nomeadamente nos seus principais pólos de especialização, a Pesca (B), o Alojamento e Restauração (H), os Outros Serviços (O) e os Transportes e Comunicações (I), com a exceção do Comércio e Outros (G). A análise permite

⁶ A região é especializada neste ramo, mas apenas a partir de 1999, mas como a componente alocativa é medida utilizando a estrutura de emprego do ano inicial, 1995, o ramo aparece como não especializado nos resultados.

Quadro 7 | Componente de alocação da região do Algarve por ramos de atividade

Ramos	Componente alocativa (δ_A)	Especialização ($E_i^t - E_i^{t-1}$)	Vantagem competitiva ($r_{ir} - r_{in}$)	Interpretação da componente
Agricultura (A)	12	166	0,07	Vantagem competitiva especializada
Pesca (B)	63	5.175	0,01	Vantagem competitiva especializada
Indústrias Extrativas (C)	-18	82	-0,21	Desvantagem competitiva especializada
Indústrias Transformadoras (D)	348	-24.596	-0,01	Desvantagem competitiva não especializada
Eletricidade, Gás e Água (E)	13	-136	-0,09	Desvantagem competitiva não especializada
Construção (F)	-1.076	-1.323	0,81	Vantagem competitiva não especializada
Comércio e Outros (G)	-2.097	10.973	-0,19	Desvantagem competitiva especializada
Alojamento e Restauração (H)	65	10.328	0,01	Vantagem competitiva especializada
Transportes e Comunicações (I)	119	567	0,21	Vantagem competitiva especializada
Atividades Financeiras (J)	26	-1.293	-0,02	Desvantagem competitiva não especializada
Imobiliário e Alugueres (K)	-122	896	-0,14	Desvantagem competitiva especializada
Admin. Púb., Def. e Seg. Social (L)	-221	-1.830	0,12	Vantagem competitiva não especializada
Educação (M)	-49	1.021	-0,05	Desvantagem competitiva especializada
Saúde e Ação Social (N)	-115	-840	0,14	Vantagem competitiva não especializada
Outros Serviços (O)	138	1.367	0,10	Vantagem competitiva especializada
Famílias com Empregados Dom. (P)	178	-915	-0,19	Desvantagem competitiva não especializada

Fonte: Elaboração própria com base nas contas regionais.

ainda destacar que a região seguiu uma tendência de especialização nos ramos mais dinâmicos do país, nomeadamente os Outros Serviços (O), o Alojamento e Restauração (H), o Comércio e Outros (G) e a Construção (F), revelando este último, na região, uma vantagem competitiva bastante forte face às outras regiões.

Através da análise do Quadro 8 verifica-se que dos dezasseis concelhos que compõem o Algarve somente cinco apresentam um crescimento do emprego acima da média regional, ou seja, uma variação líquida total positiva, nomeadamente

Albufeira (36,2%), Lagoa (6,8%), Loulé (22,6%), S. Brás de Alportel (28,5%) e Vila Real de Santo António (8,0%). Os restantes concelhos apresentaram um crescimento do emprego abaixo da média regional.

Da análise das duas componentes que justificam o crescimento do emprego acima da média regional verifica-se que os concelhos com uma componente estrutural positiva, ou seja os que apresentam uma estrutura produtiva assente nas atividades mais dinâmicas são concelhos maioritariamente constituídos por freguesias do litoral à exceção de São Brás de Alportel, como se encontra patente na Figura 3.

Quadro 8 | Decomposição do crescimento dos concelhos, no período 1991-2001, em componentes de variação

Regiões	Emprego (1991)	Emprego (2001)	Variação concelhia (δ_R) (1)		Componente regional (δ_N) (2)		Variação líquida total (VLT) (3)=(2)-(1)		Componente estrutural (δ_E) (4)		Componente residual (δ_S) (5)	
			Valor	%	Valor	%	Valor	%	Valor	%	Valor	%
Albufeira	9.980	16.451	6.471	64,8	2.856	28,6	3.615	36,2	238	2,4	3.377	33,8
Alcoutim	1.230	1.164	-65	-5,4	352	28,6	-418	-34,0	-208	-16,9	-209	-17,1
Aljezur	1.752	1.968	212	12,3	501	28,6	-285	-16,3	-365	-20,8	76	4,3
Castro Marim	2.398	2.499	99	4,2	686	28,6	-585	-24,4	-243	-10,1	-344	-14,4
Faro	22.330	28.158	5.832	26,1	6.390	28,6	-562	-2,5	1.699	7,6	-2.257	-10,1
Lagoa	7.390	10.008	2.617	35,4	2.115	28,6	503	6,8	138	1,9	364	4,9
Lagos	9.269	11.763	2.494	26,9	2.652	28,6	-158	-1,7	517	5,6	-675	-7,3
Loulé	18.172	27.478	9.304	51,2	5.200	28,6	4.106	22,6	-282	-1,6	4.386	24,1
Monchique	2.755	2.696	-64	-2,1	788	28,6	-847	-30,8	-554	-20,1	-298	-10,8
Olhão	14.239	17.473	3.235	22,7	4.074	28,6	-840	-5,9	-554	-3,9	-286	-2,0
Portimão	17.270	21.278	4.010	23,2	4.942	28,6	-934	-5,4	1.185	6,9	-2.117	-12,3
São Brás	2.726	4.284	1.557	57,2	780	28,6	778	28,5	134	4,9	642	23,6
Silves	13.441	14.945	1.504	11,2	3.846	28,6	-2.342	-17,4	-738	-5,5	-1.603	-11,9
Tavira	9.343	10.221	878	9,4	2.673	28,6	-1.795	-19,2	-864	-9,2	-932	-10,0
Vila do Bispo	2.312	2.287	-28	-1,1	662	28,6	-687	-29,7	-172	-7,5	-517	-22,4
VR St.º António	5.653	7.722	2.068	36,6	1.618	28,6	451	8,0	70	1,2	380	6,7

Unidade: Número de pessoas.
 Fonte: Elaboração própria com base nos censos.

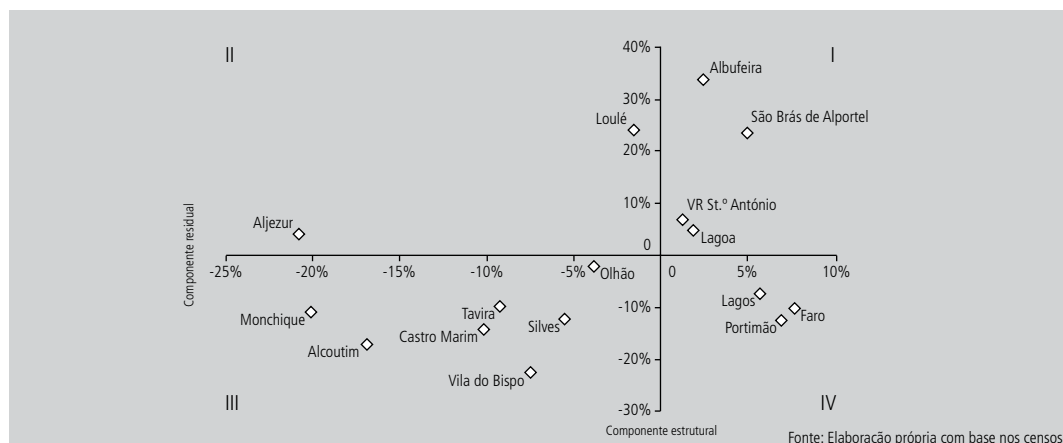


Figura 3 | Decomposição do crescimento por concelhos no período 1991-2001.

Nestes concelhos os ramos que mais contribuíram para uma componente estrutural positiva foram o Imobiliário e Alugueres (K), a Educação (M), a Saúde e Ação Social (N) e a Administração Pública, Defesa e Segurança Social (L), porque são os ramos que possuem os valores mais elevados, de acordo com o Quadro 9, onde estão apresentadas as contribuições de cada ramo para o valor da componente estrutural de cada concelho.

Por sua vez, os concelhos que apresentam uma componente estrutural negativa são sobretudo os concelhos em que a totalidade ou grande parte

do seu território é serrano com exceção de Olhão. São concelhos onde as atividades primárias (A e B), as Famílias com Empregados Domésticos (P) e as Indústrias Transformadoras (D), responsáveis pela sua fraca dinâmica económica, apresentam os valores mais negativos na componente estrutural, como demonstra o Quadro 10.

No que respeita à componente residual, foram os concelhos de Albufeira, Loulé, São Brás de Alportel, Vila Real de Santo António, Aljezur e Lagoa que apresentaram ritmos de crescimento superiores à média da região. Os ramos que mais contribuíram

Quadro 9 | Contribuição de cada ramo para a componente estrutural, nos concelhos com componente estrutural positiva, no período 1991-2001

Albufeira		Lagoa		São Brás		VR St.º António		Faro		Lagos		Portimão	
Ramos	Valores	Ramos	Valores	Ramos	Valores	Ramos	Valores	Ramos	Valores	Ramos	Valores	Ramos	Valores
K	340	K	186	N	121	M	149	N	1008	K	297	K	496
M	138	F	118	K	83	L	115	M	861	N	271	M	480
N	116	L	114	M	47	K	102	K	861	M	260	N	478
L	112	M	111	F	41	N	98	L	474	L	173	L	216
F	102	N	94	L	34	F	69	G	192	F	119	F	174
G	79	G	61	G	27	O	50	O	190	O	81	G	170
O	77	O	52	O	20	G	41	F	174	G	66	O	146
E	17	E	9	E	10	E	10	E	68	E	22	E	39
C	-1	I	-2	B	-1	C	-1	C	-4	C	0	C	-2
I	-2	C	-2	I	-1	I	-1	I	-12	I	-2	I	-5
J	-4	J	-2	J	-2	J	-3	J	-18	J	-4	J	-10
D	-38	H	-29	C	-2	H	-18	H	-34	H	-35	H	-80
H	-68	D	-59	H	-3	P	-41	D	-172	D	-72	D	-105
B	-110	P	-141	D	-35	D	-72	B	-240	B	-162	P	-194
P	-162	B	-164	P	-36	A	-173	P	-297	P	-204	B	-260
A	-358	A	-207	A	-171	B	-254	A	-1.353	A	-295	A	-358

Unidade: Número de pessoas.

Fonte: Elaboração própria com base nos censos.

Ramos: ver nota no Quadro 3.

Quadro 10 | Contribuição de cada ramo para a componente estrutural, nos concelhos com componente estrutural negativa no período 1991-2001

Alcoutim		Aljezur		Castro Marim		Loulé		Monchique		Olhão		Silves		Tavira		Vila do Bispo	
Ramos	Valores	Ramos	Valores	Ramos	Valores	Ramos	Valores	Ramos	Valores	Ramos	Valores	Ramos	Valores	Ramos	Valores	Ramos	Valores
A	-315	A	-453	A	-345	A	-1.281	A	-706	B	-1.326	A	-1.692	A	-1.284	B	-214
P	-20	B	-48	B	-46	P	-410	P	-35	A	-585	P	-140	B	-422	A	-97
D	-7	P	-9	P	-28	B	-336	D	-16	D	-174	D	-116	P	-93	P	-31
B	-5	D	-7	D	-21	D	-145	C	-6	P	-157	B	-70	D	-60	H	-13
H	-1	H	-2	H	-6	H	-60	H	-5	H	-17	H	-42	H	-16	D	-6
J	0	J	-1	C	-2	C	-7	J	-1	C	-12	J	-6	C	-6	I	0
I	0	I	0	I	0	J	-5	I	-1	J	-7	I	-4	J	-4	J	0
C	0	C	0	J	0	I	-5	B	0	I	-4	C	-1	I	-2	C	0
O	3	O	4	E	5	E	59	E	5	E	37	E	35	E	20	E	1
E	3	E	5	G	12	O	140	O	13	O	107	O	84	O	52	G	13
G	5	G	9	O	17	G	151	G	14	G	130	G	105	G	59	O	13
F	13	K	19	M	23	L	215	F	26	F	148	F	158	F	130	F	27
K	13	F	21	K	29	F	225	K	29	L	195	L	164	L	175	N	30
M	26	M	28	N	35	N	237	L	40	M	343	N	177	N	179	K	30
L	33	N	32	F	37	M	367	N	43	N	354	M	297	K	188	M	34
N	45	L	37	L	47	K	573	M	46	K	413	K	312	M	218	L	42

Unidade: Número de pessoas.

Fonte: Elaboração própria com base nos censos.

Ramos: ver nota no Quadro 3.

para esse crescimento foram, o Alojamento e Restauração (H), o Comércio e Outros (G), a Construção (F), a Indústria Transformadora (D), o Imobiliário e Alugueres (K) e a Educação (M), com os valores mais elevados, como demonstra o Quadro 11. No entanto, há que sublinhar que a magnitude dessas contribuições difere entre os concelhos.

O Quadro 12 apresenta os concelhos com ritmos de crescimentos inferiores à média regional, nomeadamente os concelhos de Vila do Bispo, Alcoutim, Castro Marim, Portimão, Silves, Monchique, Faro, Tavira, Lagos e Olhão. Nestes casos não se

verifica um padrão claro em relação aos ramos que têm maior responsabilidade por esse ritmo de crescimento, devido às especificidades associadas a cada concelho.

Em suma, quando a região é tomada como padrão de referência, os ramos mais diretamente ligados ao turismo, como sejam o Alojamento e Restauração (H) e as Indústrias Transformadoras (D), apresentam um valor negativo na componente estrutural em todos os concelhos, pois são ramos que apresentam um crescimento abaixo da média regional. Isto significa que aqueles ramos não se

Quadro 11 | Contribuição de cada ramo para o valor global da componente residual, nos concelhos com componente residual positiva no período 1991-2001

Albufeira		Aljezur		Lagoa		Loulé		São Brás		VR St.º António	
Ramos	Valores	Ramos	Valores	Ramos	Valores	Ramos	Valores	Ramos	Valores	Ramos	Valores
H	699	H	40	M	161	H	783	M	163	F	195
G	557	D	28	K	148	G	671	H	120	H	191
F	555	F	21	N	111	K	521	D	111	G	85
I	415	O	15	I	94	F	393	L	103	N	62
L	351	K	12	G	31	I	365	G	65	O	44
D	278	G	11	J	27	L	299	P	40	E	26
M	211	N	10	L	26	N	260	I	26	A	17
N	101	P	6	D	25	D	255	K	20	P	9
J	63	B	5	E	21	O	253	C	17	K	-2
A	33	I	5	B	16	A	194	J	16	J	-2
O	31	L	5	A	14	B	155	N	10	C	-4
C	31	J	1	C	6	M	149	O	7	B	-7
K	23	C	0	O	-3	J	67	B	3	L	-29
E	16	E	-2	P	-27	C	27	E	-14	M	-30
P	15	M	-5	H	-63	E	2	A	-20	I	-56
B	0	A	-76	F	-222	P	-8	F	-24	D	-119

Unidade: Número de pessoas.

Fonte: Elaboração própria com base nos censos.

Ramos: ver nota no Quadro 3.

Quadro 12 | Contribuição de cada ramo para a componente residual, nos concelhos com componente residual negativa no período 1991-2001

Alcoutim		Castro Marim		Faro		Lagos		Monchique		Olhão		Portimão		Silves		Tavira		Vila do Bispo	
Ramos	Valores	Ramos	Valores	Ramos	Valores	Ramos	Valores	Ramos	Valores	Ramos	Valores	Ramos	Valores	Ramos	Valores	Ramos	Valores	Ramos	Valores
F	-70	F	-126	N	-581	H	-209	A	-77	I	-196	H	-1.062	A	-228	F	-277	H	-306
A	-42	H	-84	I	-449	M	-137	I	-51	B	-160	G	-797	D	-211	L	-195	F	-144
N	-42	D	-78	G	-393	D	-106	F	-46	D	-122	M	-161	M	-205	A	-104	G	-86
G	-33	L	-37	L	-330	L	-100	M	-41	O	-94	K	-138	K	-196	G	-72	M	-20
P	-28	A	-27	K	-205	K	-69	C	-33	C	-60	O	-124	H	-185	M	-52	P	-18
I	-26	C	-19	M	-163	F	-61	G	-27	J	-50	J	-50	F	-185	I	-49	I	-16
K	-12	B	-14	F	-145	G	-51	H	-22	K	-43	L	-44	I	-121	B	-46	B	-12
E	-11	I	-11	O	-66	O	-45	K	-17	P	-15	B	-23	L	-84	K	-45	L	-10
M	-4	P	-11	J	-46	N	-18	J	-10	L	3	D	-21	O	-58	D	-36	C	0
B	-2	E	-7	E	-32	A	-10	D	-9	F	12	I	-13	J	-51	P	-30	K	6
C	0	O	-4	D	-27	J	-6	N	-6	E	12	E	-5	E	-39	N	-23	N	7
O	4	K	-2	H	8	B	6	E	-3	N	16	C	13	N	-24	C	-21	E	10
J	5	J	12	C	19	C	11	B	0	G	25	P	22	P	-22	H	-7	J	10
D	12	N	15	P	37	P	14	O	9	H	83	A	60	G	-4	E	4	D	19
H	15	G	17	A	45	E	23	L	18	M	104	N	104	B	2	O	7	A	21
L	25	M	31	B	72	I	82	P	18	A	201	F	123	C	7	J	14	O	23

Unidade: Número de pessoas.

Fonte: Elaboração própria com base nos censos.

Ramos: ver nota no Quadro 3.

Quadro 13 | Classificação dos concelhos do Algarve segundo a classificação de Boudeville

Quadrantes	Variação Líquida Total	Componente Estrutural	Componente Residual	Concelhos
1.º	$\delta_r - \delta_N > 0$	$\delta_E > 0$	$\delta_S > 0$	Albufeira, Lagoa, S. Brás de Alportel, Vila Real de St.º António
2.º			$\delta_S < 0$	
3.º		$\delta_E < 0$	$\delta_S > 0$	Loulé
4.º	$\delta_r - \delta_N < 0$	$\delta_E > 0$	$\delta_S < 0$	Faro, Lagos, Portimão
5.º			$\delta_S > 0$	Aljezur
6.º		$\delta_E < 0$	$\delta_S > 0$	
			$\delta_S < 0$	Alcoutim, Castro Marim, Monchique, Olhão, Silves, Tavira, V. Bispo

Fonte: Elaboração própria com base em Haddad (1989).

encontram entre os mais dinâmicos na região. No entanto, o ramo do Alojamento e Restauração (H) apresenta vantagens locais acima da média nos concelhos de Albufeira, Alcoutim, Aljezur, Faro, Loulé, Olhão, São Brás de Alportel, Vila Real de Santo António e Alcoutim e o ramo das Indústrias Transformadoras (D) nos concelhos de Albufeira, Aljezur, Lagoa, Loulé, São Brás de Alportel, Alcoutim e Vila do Bispo, embora este ponto forte nestes concelhos, para estes ramos, não se traduza numa oportunidade porque estes ramos crescem abaixo da média regional.

Para concluir agrupam-se os concelhos do Algarve segundo a classificação de Boudeville (1966), de acordo com o Quadro 13.

O primeiro quadrante é constituído por Albufeira, Lagoa, São Brás de Alportel e Vila Real de Santo António, concelhos que apresentam um crescimento rápido, com fortes potencialidades e estimulado, com estruturas sectoriais favoráveis ao crescimento económico. No terceiro quadrante encontra-se o concelho de Loulé, o qual apresenta um crescimento rápido, com fracas potencialidades mas estimulado, ou seja, trata-se de um concelho que embora não possua uma estrutura sectorial favorável, apresenta fortes vantagens comparativas face aos outros concelhos superando a sua desvantagem estrutural. Os concelhos correspondentes ao quarto quadrante, Faro, Lagos e Portimão, têm um crescimento lento, com fortes potencialidades, mas travado, isto é, embora apresentem uma especialização nos ramos

mais dinâmicos da região, o crescimento desses ramos é penalizado por desvantagens internas que o tornam inferior ao crescimento médio regional. No quinto quadrante encontra-se o concelho de Aljezur cuja estrutura económica confere-lhe um crescimento lento e com fracas potencialidades mas estimulado. O último quadrante contém os restantes concelhos, que se caracterizam por um crescimento lento com fracas potencialidades e travado, cuja estrutura integra ramos de especialização com taxas de crescimento muito inferiores à média regional.

5. Conclusões

Este trabalho teve como objetivo geral estudar a evolução da estrutura económica da região do Algarve e o posicionamento da atividade turística, no contexto das restantes atividades económicas, entre 1995 e 2003 e, como objetivo particular averiguar se o crescimento da região tem sido estimulado pela sua própria estrutura produtiva.

Foi adotada a metodologia *shift-share*, numa análise desenvolvida aos níveis inter-regional e intrarregional que permitiu identificar factos estilizados relevantes.

A análise permite concluir que a região do Algarve apresenta uma situação favorável em termos estruturais, o que traduz uma especialização da região nos ramos mais dinâmicos da economia nacional, isto

é nos ramos que têm apresentado um crescimento no país acima do crescimento médio nacional. Por outro lado, a região também apresentou uma situação confortável na componente residual, o que revela a existência de importantes vantagens comparativas relativamente às restantes regiões, nomeadamente nos seus principais pólos de especialização, onde se encontram os ramos identificados como estando ligados mais diretamente ao turismo, como o Alojamento e Restauração. Contudo, também se encontram ramos indiretamente ligados à atividade turística como os Outros Serviços, que apresentam um crescimento rápido, com fortes potencialidades, a Agricultura, a Pesca, os Transportes e Comunicações, que apresentaram um crescimento rápido, com fortes potencialidades mas travado.

Ao nível da região, os concelhos de Albufeira, Lagoa, São Brás de Alportel e Vila Real de Santo António foram os mais beneficiados pela sua estrutura produtiva, porque apresentam um crescimento rápido, com fortes potencialidades, ao que crescem estruturas sectoriais favoráveis ao crescimento económico. No entanto, a análise intrarregional demonstra que os ramos diretamente ligados ao turismo, como o Alojamento e Restauração e as Indústrias Transformadoras são uma ameaça ao crescimento económico da maioria dos concelhos, já que estes ramos apresentam taxas de crescimento abaixo da média regional, revelando assim um menor dinamismo dentro da própria região. Tal situação sugere que os concelhos que possuem vantagens locais nestes ramos não as tenham conseguido traduzir em oportunidades.

A conclusão geral deste artigo que aponta para um crescimento económico da região beneficiado pela sua estrutura produtiva deixa em aberto a resposta a outras questões de relevante interesse regional. Em particular, a identificação dos ramos que têm estado na base do crescimento da região, das ligações diretas ou indiretas que mantêm com o setor turístico, dos estímulos que têm conseguido transmitir aos setores endógenos da economia e dos concelhos onde se concentram os ramos que são

alvo de maior procura externa, são questões que se enquadram no estudo do grau de especialização *versus* diversificação da economia algarvia e constituem importantes áreas de investigação futura.

Uma nota final impõe-se relativamente a algumas limitações deste trabalho, quer ao nível metodológico, quer ao nível dos resultados. Apesar de constituir um instrumento potente de análise de alterações estruturais, largamente utilizado na literatura da especialidade, a metodologia *shift-share* não fornece quaisquer explicações para as alterações identificadas. Acresce ainda, que os resultados refletem a realidade económica, para o período em análise entre 1995 e 2003. Impõe-se, por isso, uma análise dos fatores que estiveram na origem das alterações identificadas e o alargamento do horizonte temporal de forma a incluir os anos mais recentes. Tais objetivos constituem linhas de investigação futura.

Agradecimentos

Os autores agradecem os contributos de três revisores anónimos para a melhoria da qualidade do artigo.

Bibliografia

- Boudeville, J. R., 1966, *Problems of Regional Economic Planning*, Edinburgh, The University Press, Edinburgh.
- Cabral, M. D., Sousa, R., 2001, *Indicadores de localização, especialização e diversificação e análise Shift-Share: uma aplicação às NUTS III da região Norte no período 1986-1998*, Núcleo de investigação em políticas económicas, Universidade do Minho.
- Carvalho, H., 1992, *Tipologia e padrões de localização da indústria transformadora em Portugal Continental: análise Shift-Share 1971-1988*, Tese de Mestrado, Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, Coimbra, Portugal.
- CIDER e Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve, 2001, *Quadro de entradas e saídas para a região do Algarve 1994: Matriz input-output*, CIDER, CCRAIG.
- Davis, S., Haltiwanger, J., 1992, Gross job creation, gross job destruction and employment reallocation, *The Quarterly Journal of Economics* 107, pp.819-863.

- Davis, S., Haltiwanger, J., Shuh, S., 1996, *Job creation and destruction*, MIT Press, Cambridge.
- Dinc, M., Haynes, K., 1999, Regional Efficiency in the Manufacturing Sector: Integrated Shift-Share and Data Envelopment Analysis, *Economic Development* 13(2), pp.183-217, [http://www.wttc.org/bin/pdf/original_pdf_file/algarve2003.pdf], (Site accessed 7 August 2009).
- Dunne, T., Roberts, M., Samuelson, L., 1989, Plant turnover and gross employment flows in the U.S. manufacturing sector, *Journal of Labor Economics* 7, pp.48-71.
- Esteban-Marquillas, J. M., 1972, Shift and Share Analysis Revisited, *Regional and Urban Economics* 2(3), pp.249-261.
- Ferrão, J., Jensen-Buttler, C., 1986, Desenvolvimento industrial e diferenciações regionais em Portugal, durante a década de 70, *Finisterra* 21(42), pp.203-238.
- Fotopoulos, G., 2007, Integrating Firm Dynamics into the Shift-Share Framework, *Growth and Change* 38(1), pp.140-152.
- Haddad, P. R., 1989, *Economia Regional Teorias e Métodos de Análise*, Escritório técnico de estudo económicos do nordeste do Banco do Nordeste do Brasil, Fortaleza, Brasil.
- Hanham, R., Banasick, S., 2000, Shift-Share Analysis and Changes in Japanese Manufacturing Employment, *Growth and Change* 31(1), pp.108-123.
- Haynes, K. E., Dinc, M., 1997, Productivity change in manufacturing regions: a multifactor/shift-share approach, *Growth and Change* 28, pp.201-221.
- Herzog, H. W., Olsen, R. J., 1977, Shift-Share Analysis Revisited: The Allocation Effect and the stability of Regional Structure, *Journal of Regional Science* 17(3), pp.441-454.
- Instituto Nacional de Estatística, *Emprego total, por região NUTS I e II, segundo a classificação de atividades A17 (2001 a 2002)*, [<http://www.ine.pt/prodserv/quadros/036/173/003/pdf/Capitulo3.pdf>], (Site acedido em 28 de janeiro de 2009).
- Instituto Nacional de Estatística, *Emprego total, por região NUTS I e II, segundo a classificação de atividades A17 (2003)*, [<http://www.ine.pt/prodserv/quadros/036/218/001/xls/00700000.xls>], (Site acedido em 28 de janeiro de 2009).
- Instituto Nacional de Estatística, *Quadros de resultados - Contas regionais por ramos de atividade (1995 a 2001)*, [<http://www.ine.pt/prodserv/quadros/036/215/001/xls/00700000.xls>], (Site acedido em 28 de janeiro de 2009).
- Knudsen, D. C., 2000, Shift-share analysis: Further examination of models for the description of economic change, *Socio-Economic Planning Sciences* 34, pp.177-198.
- Ledebur, L. C., Moomaw, R. L., 1983, A shift-share analysis of regional labour productivity in manufacturing, *Growth and Change* 14, pp.2-9.
- Ray, M., Harvey, J., 1995, Employment changes in the European Economic Community: A shift-share analysis, *Review of Regional Studies* 25(1), pp.97-100.
- Ribeiro, J. C., 1985, O método análise das componentes de variação: uma aplicação à evolução da indústria transformadora nos distritos do continente entre 1972 e 1979 - referência especial ao caso do Minho, *Revista Factos e Ideias* 1, Universidade do Minho, pp.73-88.
- Rigby, D., Anderson, W. P., 1993, Employment change, growth and productivity in Canadian manufacturing: An extension and application of the shift-share analysis, *Canadian Journal of Regional Science* 16, pp.69-88.
- Rutkowski, J., 2006, Labour Market Developments during Economic Transition. Policy Research, *Working Paper No. 3894*, World Bank.
- Shi, C., Zhang, J., Yang, Y., Zhou, Z., 2007, Shift-share analysis on international tourism competitiveness – A case of Jiangsu province, *Chinese Geographical Science* 17(2), pp.173-178.
- Silva, J. A., Andraz, J. M., 2004, O padrão de especialização e a localização das atividades económicas na região do Algarve, *Estudos I*, Universidade do Algarve, Faculdade de Economia, pp.177-194.
- Sirakaya, E., Choi, H., Var, T., 2002, Shift-share analysis in tourism: Examination of tourism employment change in a region, *Tourism Economics* 8 (3), pp.303-324.
- Sirakaya, E., Uysal, M., Tuepper, L., 1995, Measuring tourism performance in a shift-share analysis: the case of South Carolina, *Journal of Travel Research* 34(2), pp.55-61.
- Toh, R., Khan, H., Lim, L., 2004, Two-stage shift-share analysis of tourism arrivals and arrivals by purpose of visit: the Singapore experience, *Journal of Travel Research* 43(1), pp.57-66.
- Valletta, R., 1997, The effects of industry employment shifts on the U.S. wage structure, 1979-1995, *Federal Reserve Bank of San Francisco Economic Review*, January, pp.16-32.
- World Travel and Tourism Council, 2003, *The Algarve: The impact of travel & tourism on jobs and the economy*.
- Yasin, M., Alavi, J., Sobral, F., Lisboa, J., 2004, A shift-share analysis approach to understanding the dynamic of the Portuguese tourism market, *Journal of Travel and Tourism Marketing* 17(4), pp.11-22.